

19/07/2019 - 05:00

Para Kate Raworth, de Economia Donut, é necessário superar dicotomia Estado x mercado

Por **Diego Viana**

Uma simples figura de padaria resume toda a complexidade da economia do futuro, segundo a economista britânica Kate Raworth, professora do Instituto da Mudança Ambiental, na Universidade de Oxford. No livro "Economia Donut" (Trad. George Schlesinger, Zahar, 367 págs., R\$ 69,90), Kate representa com a imagem de uma rosquinha os limites internos e externos à atividade humana, buscando apontar os caminhos para que a humanidade permaneça no espaço do meio.

Entre os limites inferiores estão o acesso a água potável, alimentação, energia, moradia, justiça e voz política. Os superiores são a mudança climática, a perda de biodiversidade e de terras férteis, a poluição do ar e da água, entre outros. Kate, de 49 anos, afirma que a economia terá de se tornar regenerativa e circular, tendo um efeito líquido positivo sobre as sociedades e o ambiente. Isso significa que o modo clássico como o desempenho econômico é medido, por meio do crescimento da renda nacional, perde sentido. Não há um único índice, mas uma gama de indicadores sociais, ambientais e econômicos.

São sete os "modos de pensar como um economista do século XXI", segundo Kate. A lista inclui a introdução de um pensamento sistêmico, a busca da distribuição e o abandono do "homo oeconomicus" obcecado com o ganho individual. A economista propõe mudanças profundas na organização das empresas, no funcionamento das finanças e na legislação. Para além da dicotomia entre mercado e Estado, ela lembra que há outros meios de formação de valor que foram negligenciados pela economia do século XX. A começar pelo espaço doméstico e pelos comuns, conceito que trata do papel da escolha pública nas decisões que influenciam a produção de bens e serviços públicos e que rendeu à cientista política Elinor Ostrom o Prêmio Nobel de Economia de 2009.

"A metáfora do século XXI tem que ser o equilíbrio. Aí é que estará o progresso. Estamos muito desequilibrados em termos de bem-estar"

A Universidade de Leeds decidiu calcular como estão 150 países em relação ao espaço seguro do interior da rosquinha. Assim como o mundo em geral, o Brasil aparece tanto com excessos quanto com insuficiências: está muito acima do limite em emissões de carbono e conversão do uso da terra, mas muito abaixo do mínimo em saneamento e em igualdade de oportunidades. A China se destaca pelo excesso de fertilizantes lançados no solo e por insuficiências políticas e sociais.

Leia, a seguir, entrevista concedida durante sua visita ao Brasil:



Kate Raworth, professora do Instituto na Universidade de Oxford, lança no Brasil o livro "Economia Donut"

Valor: *A noção de crescimento ainda é útil no modelo com limites superiores e inferiores?*

Kate Raworth: Quando Simon Kuznets criou o conceito de renda nacional nos anos 1930, avisou que não se deveria usar esse número como medida de bem-estar. Isso foi ignorado porque a tentação do número único era grande demais. Ficamos obcecados em fazer esse número crescer constantemente. Isso se tornou o objetivo de toda política pública. No século XXI, precisamos de um conjunto de métricas, incluindo a estabilidade do clima, a saúde dos solos, o acesso à água, a saúde das pessoas, a distribuição da renda. Não se soma isso num número só. O século XX se baseou na ideia de que progresso é crescimento. A metáfora do século XXI tem que ser o equilíbrio. Aí é que vai estar o progresso. Estamos muito desequilibrados em termos de bem-estar humano e quebra ecológica. Temos que voltar ao equilíbrio, e o progresso das nações será medido assim.

Rhcrbcg8HBw

A healthy economy should be designed to thrive, not grow |...



Valor: *Poderíamos seguir a metáfora e dizer que o século XIX foi a infância, o século XX a adolescência e o XXI será a idade adulta?*

Kate: Esses séculos valeriam para os países ricos, mas há muitos países hoje que ainda estão no começo da curva de crescimento. E eles vão, devem e deveriam ter crescimento econômico. Precisam investir na sua população, sua educação, habitação, saúde. Tirar as pessoas da privação. Muitos países da África subsaariana precisam desesperadamente do crescimento.

Valor: *Mas ele não vai poder ser feito da mesma maneira.*

Kate: Terá de ser feito sem a mesma degradação ambiental. Há outros países que estão no topo da curva de crescimento e precisam aprender a amadurecer e se desenvolver. Mas suas instituições dependem estruturalmente do crescimento. É um impasse. Por isso, temos que repensar como funciona o sistema financeiro, as pensões. Tudo está apoiado na ideia de que o PIB vai crescer para sempre.

Valor: *Desde que Elinor Ostrom ganhou o Nobel por seu trabalho com os comuns, a noção entrou no vocabulário corrente. E na economia?*

Kate: Nos cursos de economia, começamos com o mercado, e a teoria diz que o Estado pode intervir onde há falhas. Estamos presos na dicotomia entre mercado e Estado. Desde o artigo de Garrett Hardin em 1968 sobre a tragédia dos comuns, tornou-se legítimo ignorar os comuns. Ele afirmou que recursos compartilhados são explorados em excesso. Ostrom mostra empiricamente como os comuns são enriquecedores. O motivo é que não são livremente acessíveis, mas curados por membros conhecidos do coletivo, que seguem regras, sendo punidos se as violarem. Há quatro formas principais de formação de valor, que são o mercado, o lar, o Estado e os comuns. O mercado tem o mecanismo de preço, o lar entrega cuidados indispensáveis, o Estado financia bens públicos, os comuns têm capacidades cocriativas. Essas formas funcionam melhor quando atuam juntas.

Valor: *O que aprendemos com o movimento "maker" ou a permacultura?*

Kate: A economia do século XXI está sendo praticada primeiro e vai ser teorizada depois. Essas práticas, com colaboração e código aberto, são o futuro. Estão tendo que aprender novas habilidades, descobrir como colaborar e administrar cooperativas. Temos pouca prática, porque crescemos em economias do autointeresse e da competição. De repente, as pessoas têm que aprender como colaborar, compartilhar, consertar, cuidar, perante uma economia criada para fazer o oposto. O que os espaços "maker" e os movimentos de permacultura ainda não têm são estruturas de propriedade e financiamento.

Valor: *Como a senhora vê o futuro do dinheiro?*

Kate: Quando me perguntam sobre dinheiro, puxo a carteira e digo: aqui dentro tenho sete tipos de moedas que podem ser usadas no Reino Unido. As pessoas ficam confusas, pensando que só existe a libra [esterlina]. Há muitos tipos de moeda. As notas são só 3% da oferta de moeda. O resto são empréstimos e depósitos de bancos comerciais, a juros. Tem as moedas complementares. Sou parte de um círculo de cuidados com crianças, e fizemos um cartão nós mesmas. Se tenho milhas de uma companhia aérea, é um crédito que posso usar para viajar. É uma forma de dinheiro. Toda moeda tem três traços que temos de questionar: quem emite? Que caráter é atribuído a ela? Ou seja, tem juros? Ou perde valor com o tempo? E, por fim: para que pode ser usada? Esses traços determinam como nos comportamos, ou seja, se guardamos ou gastamos; e a distribuição: quem ganha valor e quem perde. Essas são as implicações diretas de como projetamos o dinheiro. O dinheiro é algo que inventamos, não há nada de imutável nele. Nosso dinheiro é feito para se acumular para sempre. Aristóteles já dizia que esta é a forma mais antinatural de riqueza.

Valor: *Quais são os principais impulsos de transformação da teoria econômica?*

Kate: O movimento dos estudantes é muito importante. Os alunos de economia se deram conta de que o que estão aprendendo não os prepara para o futuro. São uma fonte valiosa de pressão sobre os departamentos de economia. Alguns departamentos estão mudando, adotando um currículo mais baseado no mundo real, mas isso só acontece graças à pressão dos alunos. O interessante é que empresas estão se juntando aos estudantes e pressionando as escolas.

Valor: *Por que elas fazem isso?*

Kate: Porque os recém-formados chegam ao mercado com um entendimento da economia teórico demais. Quando saem dos modelos, não entendem nada. Tanto os estudantes quanto os empregadores estão exigindo adaptações no currículo da economia. Mas fico impressionada com a lentidão da mudança nas universidades. Os economistas vão dizer que sim, houve muita mudança, tem bastante pesquisa acontecendo. Tem economistas trabalhando em tudo que mencionei. Mas o que me interessa é o curso introdutório de economia. Este é o curso que a maior parte das pessoas estuda e nada mais. Se essa é a lógica econômica que informa o mundo, se é a lógica absorvida pelos políticos, empresários, juízes, a mudança é insuficiente. Concentro minhas energias em outro lado.

Valor: *Onde?*

Kate: Trabalho com os departamentos que têm a porta aberta para mudanças. Isso inclui muitos cursos de MBA, porque os negócios se baseiam no mundo real. As empresas estão expostas, nas suas cadeias de fornecedores, à mudança climática, às relações de trabalho, e não podem deixar esses temas na margem. Trabalhei muito com escolas de negócios que querem usar o "donut" no ensino. Programas de arquitetura, urbanismo, sustentabilidade, desenvolvimento.

Valor: *Como as empresas, que devem entregar resultados aos acionistas e dependem do setor financeiro, se adaptam à economia dentro do "donut"?*

Kate: As empresas podem mudar o produto, melhorar os salários, comprar de fornecedores "fair trade". Mas, principalmente, vão ter que mudar sua própria estrutura. Quando trabalho com uma empresa, sempre digo que é preciso examinar como está estruturada para poder entrar no "donut". São estes pontos: o propósito da empresa, como ela é administrada, regras e princípios, a cultura de governança, as métricas de sucesso, os incentivos aos empregados, como ela se organiza com fornecedores e clientes. Sobretudo, a propriedade da empresa. Se pertence a empreendedores familiares, aos empregados, a acionistas, ao Estado. Isso influencia a qualidade e a intenção dos recursos financeiros. E também o impacto social e ambiental. Se o setor privado é parte da transformação regenerativa, temos que mudar seu projeto e buscar um investimento mais paciente, mais dinheiro investido em retornos sociais e ambientais, não só retornos financeiros de curto prazo.

Valor: *Essa mudança parece difícil de atingir. O que seria necessário?*

Kate: Mesmo dentro do sistema financeiro, já existem as sementes desse futuro. Há bancos orientados social e ambientalmente. Há bancos cooperativos. No Brasil, são muitos. No Rio, tive uma reunião com uma associação de bancos solidários. Primeiro temos que ver o crescimento dessas formas de finança e mais gente escolhendo colocar seu dinheiro nesses bancos. Precisamos que fundos de pensão invistam em portfólios verdes e regenerativos.

Valor: *Que tipo de legislação seria necessária?*

Kate: Precisamos de exigências de transparência, de relatórios de risco, informes de materialidade, que estão cada vez mais sendo exigidos por fundos de pensão e bancos. Também se exige cada vez mais que a exposição à emergência climática de uma empresa seja explicitada. Essa abertura aumenta a pressão sobre companhias e investidores, para mostrar onde estão pondo o dinheiro, se é num futuro regenerativo ou num modelo extrativo. Isto precisa ser sustentado por regulação. Mas há um movimento forte rumo à transparência e à abertura. Isso só vai aumentar, pressionando os bancos, porque eles sabem que correrão o risco de ser processados por seus pensionistas ou investidores, que vão dizer que eles não fizeram o "due diligence", estavam expostos à emergência climática, estavam exacerbando os riscos, sabiam disso e não fizeram nada.

Valor: *A ascensão de negacionistas climáticos ao poder ameaça esse movimento?*

Kate: Eles estão nos levando na direção oposta à que precisamos. Mas esses extremos podem fomentar uma voz de resistência mais forte. Em vez de apenas reagir ao que não gostamos e ser contra o projeto de alguém, temos que ser proativos e propor o que, de fato, queremos. No período eleitoral, temos que ter alternativas fortes, claras, críveis, para que as pessoas insatisfeitas possam apoiar com energia. Não surpreende que algumas pessoas queiram acreditar na simplicidade das histórias que Trump conta. O século XXI é complexo, e quando isso destrói tudo que nos foi importante no passado, pode ser demais para muita gente. É crucial que construamos uma visão alternativa, deixando bem claro o que queremos que o mundo seja.

Valor: *A simplicidade é um tema importante no livro. Quão complicada é a matemática por trás da forma simples da rosquinha?*

Kate: A complicação não está necessariamente na matemática. A economia cometeu um erro ao se tornar tão matemática. Foi nos anos 1870, quando queriam fazer da economia uma ciência, imitando a física newtoniana: assim como um pêndulo é levado ao repouso pela gravidade, os mercados são levados ao equilíbrio pelos preços. É uma má analogia. A economia é uma relação entre seres humanos, não cabe numa equação. Então eles simplificaram a personalidade humana para fazê-la caber nas equações. A raiz do nome da disciplina é a administração do lar: oikos nomos. Administrar um lar é uma tarefa interdisciplinar. A economia é mais uma arte interdisciplinar do que a prática estreita e matemática que se tornou no século XX.

Valor: *Ainda assim, o modelo usa a teoria dos sistemas, cuja matemática é avançada.*

Kate: Um tipo novo de quantificação está surgindo através do big data, da complexidade, dos modelos baseados em agentes, que estabelecem regras e veem como os agentes reagem a situações dinâmicas e variáveis que emergem. São propriedades emergentes de sistemas complexos, em vez de propriedades estáticas de modelos fechados. É complexo, sim, porque este é um século complexo. Toda disciplina precisa abraçar a complexidade.

Valor: *Como avalia o Acordo de Paris?*

Kate: Fico feliz que pelo menos exista um acordo internacional, mas o Acordo de Paris é inadequado. Estamos a caminho de 4°C de aquecimento. Desde Paris, alguns países foram além por conta própria, decidindo chegar a emissões líquidas zero. Mas o importante é a data: quando conseguirão fazer isso? No Reino Unido, o compromisso legal é com 2050, tarde demais. O aquecimento está sendo mais veloz do que o projetado e os desastres estão sendo mais comuns. É como decidir sair de uma casa em chamas no último minuto possível. Ninguém faria isso.

Valor: *Muitas cidades estão declarando a emergência climática. Elas podem ir mais longe que as nações?*

Kate: As cidades estão mostrando mais poder de liderança que as nações. Fazem isso por causa da pressão dos cidadãos, que levam a crise do clima mais a sério do que os políticos. A mobilização deles está pondo a emergência climática no topo da agenda. Mas precisamos de objetivos de curto prazo: como vamos estar em 2030?